



## VIDA DOS SANTOS: INSTRUMENTO DE CONQUISTA ESPIRITUAL E MATERIAL NA AMÉRICA DO SÉCULO XVI

Adailson José Rui<sup>1</sup>

**Resumo:** Apresento, neste artigo, a utilização da vida dos santos como instrumento de conquista espiritual e material na América do século XVI. Verifico que as fontes utilizadas pelos membros da Igreja, para fazer tal uso, são de origem medieval. Os pregadores destacam, principalmente, os feitos dos santos que foram martirizados em virtude da causa que defendiam. Com isto, promoviam, por um lado, o estímulo para a luta cotidiana vivenciada pelos conquistadores e, por outro, catequizavam os nativos. Dessa maneira, possibilitavam a conquista espiritual e material, almejada pelos conquistadores. Como fonte para esse estudo, utilizo: Crônicas elaboradas durante a Idade Média, referentes à Península Ibérica; a *Legenda Áurea* de Jacopo de Varazze; a *Psalmódia Christiana* de Bernardino de Sahagún e Crônicas relativas à Conquista da América, escritas durante o século XVI.

**Palavras-chave:** Século XVI, Conquista da América, Culto aos Santos, Religião, Religiosidade.

### INTRODUÇÃO:

“[...] que seja exaltada principalmente na nossa época, e em toda a parte se espalhe e se dilate a fé católica e a religião cristã, se cuide da salvação das almas, e se abatam as nações bárbaras e sejam reduzidas à mesma fé” (Bula Inter Caetera, 1493).

A expansão da doutrina cristã foi um dos argumentos mais utilizados pelos “espanhóis”, para justificar e legitimar a Conquista<sup>2</sup>. Ser cristão era ser integrante da única e verdadeira religião, que possuía como missão salvar as almas, retirando-as da influência e do domínio do demônio, o maior inimigo dos cristãos.

Na América, esta convicção levou os “espanhóis” a considerarem como

<sup>1</sup>Doutor em História pela Faculdade de Ciências e Letras, UNESP, Campus de Assis. Professor do Centro Universitário de Jales-SP.



demoníaco tudo aquilo que, de alguma forma, manifestasse traços de uma religiosidade desconhecida por eles<sup>3</sup>. Desta maneira, mantinham aspectos da tradição medieval referentes à propagação do evangelho, que podem ser resumidos em: aceitar a *verdade* pregada por eles ou morrer por não aceitá-la. Verifica-se esta prática, por exemplo, quando os nativos não aceitavam o *Requerimiento*; como conseqüência ocorria o confronto entre eles e os conquistadores e muitas mortes; porém, quando o aceitavam iniciava-se um processo de conversão, no quais os religiosos utilizavam, também, como instrumento de trabalho, a paciência, isto é, acreditavam que, aos poucos, fariam com que os nativos conhecessem a *verdadeira doutrina*. Esta atuação dos religiosos tem como influência a própria formação cultural que receberam, pois, foram criados num ambiente onde, de certa forma, existia uma convivência harmoniosa entre religiões diferentes: cristã, muçulmana e judaica. Essa formação fez com que o mesmo espírito se fizesse presente entre muitos dos religiosos que procuravam, aos poucos, conquistar os nativos para o catolicismo. No decorrer deste processo os missionários cristãos fizeram uso das vidas dos santos como instrumentos para a conquista espiritual, porém, esta, independente da vontade deles – dos missionários – acentuava a conquista material.

No entanto, esse último fator era constantemente combatido pelos religiosos, para os quais a Conquista deveria ser sim uma luta, porém uma luta para ganhar almas para o cristianismo. Viviam em clima de guerra, porém, não em uma guerra de homem contra homem, provocada pela ambição material de uma das partes, ou das duas, mas sim, de uma guerra iniciada por Jesus Cristo contra o demônio. Nessa guerra, segundo os religiosos, as armas tradicionais não traziam o resultado almejado pelos conquistadores leigos. Eles só conseguiriam a vitória pela fé, pois, a guerra era espiritual, embora se manifestasse de forma material: na eliminação dos ídolos e da idolatria.

Essa situação é manifestada pelo agostiniano Frei Alonso de Veracruz da seguinte forma:

---

<sup>2</sup> Outro argumento foi a divulgação na Europa da forma como o poder era exercido no Novo Mundo. Difundia-se que, os nativos viviam sob o domínio de tiranos este fato, também justificava e legitimava a atuação dos espanhóis, pois, atuavam como libertadores dos nativos.

<sup>3</sup> Sobre essa temática, veja: BERNAND, C. & GRUZINSKI, S. *De idolatria. Uma arqueologia de lãs ciências religiosas*. México: Fondo de Cultura Econômica. 1992.



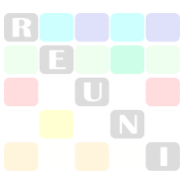
No es con una escolta de militares, ni con una caterva de siervos como há de vencerse al mundo. ‘*Las armas de nuestras milicia no son carnales sin espirituales*’ porque no luchamos contra brigadas de militares o falanges armadas, ‘*sino contra las potestades y los principes de las tinieblas*’. ‘*La victoria que triunfa es esta fé por que los santos por la fe vencieron los reinos y alcanzaron las promesas*’(VERACRUZ, 1994,p.137) .

Com essas palavras, Frei Alonso de Veracruz valorizava a crença no sagrado como instrumento de conquista. Na concepção dos religiosos, o combate contra o demônio seria vencido com a fé e não com a força imposta pelas armas que eram terrenas e não atingiam o espírito dos nativos, “contaminados” pelas forças demoníacas. Além dessa constatação dos religiosos e das categorias que eles representam, havia outro fator que, pelo menos no plano teórico, impedia o uso de armas. Era considerado injusto o uso de armas contra aqueles que não tiveram a oportunidade de conhecer o evangelho<sup>4</sup>.

No entanto, as aspirações dos leigos (tais como a busca do enriquecimento) predominavam na América de princípios do século XVI, segundo pode ser constatado, entre outros, nos escritos de Bernal Diaz del Castillo (1947), Fernando Alva Ixtlilxochitl (1956). Estas aspirações se faziam presentes mesmo dentro do clero<sup>5</sup>. Em oposição a esta situação, frei Alonso prega as virtudes da doutrina cristã, seguidas pelos primeiros evangelizadores que, sem temer, enfrentaram o martírio em nome da fé. Com a morte, venceram os inimigos, tornando-se santos e, como tais, modelos a serem seguidos por todos. Partindo dos bispos até os simples vigários, todos, segundo frei Alonso, deveriam ter como norma e exemplo os feitos “ de aquellos que en el principio de la iglesia se presentaban como ministros en toda Santidad[...]”. Entre os quais se

<sup>4</sup> Embora considerado como injusto o uso de armas contra os nativos, poucos eram os religiosos que acreditavam na conversão deles. Isto pode ser afirmado em virtude da prática que tinham de tirar as crianças do domínio dos pais para criá-las, educando-as segundo os valores cristãos. Os religiosos justificam esta atitude afirmando que faziam isto por que não acreditavam na conversão dos adultos e velhos. Cf. CARTAS DE INDIAS, 1974. T.I. p. 56.

<sup>5</sup> Um exemplo desse problema denunciado pelo agostiniano também se encontra numa carta do franciscano Francisco de Toral, de 25 de maio de 1558, destinada ao Imperador. Nela, o frei pede ao monarca que envie “*perlados sanctos y selozos*” pois estes estão em falta. Segundo o frei, num raio de 300 km, existiam somente dois: o arcebispo do México e o bispo de Mechuacan. Ambos se importavam mais em receber dízimos do que com a doutrina. Cf: Cartas de Indias. Madrid. Atlas. 1974. p. 132.



destacam os de: “ Pedro, Pablo, Andrés, Santiago, y sus innumerables sucesores que despreciadas las vanidades del mundo, imitaron la humanidad de Cristo”( VERACRUZ, 1994, p.137).

Fazendo referência a esses modelos, Frei Alonso fazia uma crítica indireta ao comportamento dos conquistadores e aos membros seculares da Igreja que, na América, segundo ele, visavam a manter-se por meio dos dízimos arrecadados (de forma obrigatória) e do trabalho indígena; por outro, reforçava a teoria, segundo a qual os naturais deveriam ser convertidos, seguindo os princípios da Igreja primitiva, dos quais eles eram os portadores. Acreditavam que, com tais princípios, poderiam resolver todas as necessidades pastorais que surgiam no Novo Mundo.

O culto e a “imitação” dos primeiros evangelizadores, considerados santos, tornavam-se um dos pontos de sustentação dessa política e prática dos religiosos. Tinham como referência básica os santos que sofreram martírio por amor à doutrina cristã, neles encontravam os modelos de fé que deveriam seguir e propagar. Com isto, por um lado, conseguiam o próprio encorajamento para enfrentar a missão que assumiram e, por outro, encontravam, nas vidas dos santos, a forma de tornar mais acessível aos naturais os ensinamentos contidos na doutrina cristã.

Na atuação e nos sofrimentos passados pelos santos, os religiosos encontravam o amparo para suportar as dificuldades impostas a eles pelos nativos e pela natureza e, ainda, pelos conquistadores leigos. Os religiosos acreditavam que, com a devoção e a ação evangelizadora, os sofrimentos tornar-se-iam em glória, assim como a conquistada pelo santos.

Nesta perspectiva, é ilustrativa uma carta do primeiro bispo de Tlaxcala, Julián Garcés, dirigida ao Papa Paulo III (1534-1549). Trata-se de um exemplo de equiparação entre as dificuldades passadas pelos religiosos na América, com os sofridos por São Tiago. Nesta carta, D. Julián, ao narrar a capacidade de aprendizado demonstrado pelos nativos, comenta o seguinte:

Trabalhamos para conquistar suas almas [dos índios], pelas quais Cristo, Nosso Redentor, derramou seu sangue. Nós lhe opomos como objeção sua barbaridade e idolatria, como se tivessem sido melhores nossos pais, de quem nos originamos até que o apóstolo São Tiago lhes pregou e os atraiu ao culto da fé, fazendo-os de malíssimos, boníssimos; e deles saíram resplandcentes luminares de mártires, doutores e virgens, que seria longo e desnecessário contar (SUESS, 1992, p. 261).<sup>6</sup>

<sup>6</sup>Esta mesma perspectiva é apresentada por Bartolomeu de las Casas. Cf. LAS CASAS 1957. p. 13.



A difusão das vidas dos santos, que haviam sido os primeiros evangelizadores e, também, os primeiros mártires, tornava-se instrumento fundamental na implantação da conduta cristã, pelo fato de servirem como fonte de encorajamento para os religiosos e por dar legitimidade à autoridade que exerciam<sup>7</sup>. Na medida em que a conduta dos religiosos se aproximava à vivida pelos santos, o efeito dos seus atos e das palavras, proferidas por eles aos nativos ganhavam mais respeito e confiança por parte daqueles que estavam em processo de conversão e viam nos religiosos pessoas que possuíam uma conduta de vida semelhante a dos santos (testemunho dos próprios religiosos)<sup>8</sup>. Desta maneira, os religiosos encontravam na conduta que viviam outra forma de legitimar a autoridade que já possuíam via bula.

A divulgação das vidas de santos constituiu-se um dos caminhos mais praticados pelos religiosos<sup>9</sup>. Nesta direção, podemos citar como exemplo o empenho deles em encontrar um meio de passar aos nativos e de reafirmar ou até mesmo “catequizar” os conquistadores na doutrina cristã implícita nas vidas de santos. Por meio das *estórias* de vida, tornava-se mais fácil transmitir aos nativos as verdades cristãs, que também podiam ser encenadas ou narradas de forma dramática. Dentre os trabalhos realizados nesta perspectiva, podemos citar, no México, os de Frei Juan de la Cruz (?-1574)<sup>10</sup>, Frei Juan de Guevara (1547-?)<sup>11</sup>, Frei Juan de Medina (?-1602?)<sup>12</sup>,

<sup>7</sup> Como exemplo do uso como instrumento de legitimidade, encontramos, entre outros textos, a oração do Credo, adaptada ao nahuátl por Sahagún, que a apresenta da seguinte maneira: “Dice el amado de Dios san Pedro: Creo en Dios Padre Todopoderoso, que creó el cielo y la tierra./ Dice el amado de Dios san Andrés: Y creo en Jesucristo, su único Hijo, que es nuestro Señor./ Dice el amado de Dios Santiago el Mayor: El cual fue engendrado por [obra de] el Espíritu Santo [y] nació de la virgen santa Maria./[...]” (SAHAGÚN, 1999, p. 15-17).

<sup>8</sup> As críticas feitas por Guamam Poma de Ayala aos sacerdotes cristãos deve-se ao fato de os mesmos não terem uma conduta de vida “religiosa” e, sim, mundana. Sustentavam o seu poder pela autoridade legal que possuíam e não por aquela conquistada pelos atos de fé próprios da doutrina cristã.

<sup>9</sup> Nesta direção, contribuiu a difusão, entre os índios da crença no poder de intervenção dos santos, cujo culto foi fortalecido pelas ordenanças que o tornavam uma obrigação. Uma das primeiras, neste sentido, foi, segundo Bernal Diaz, a ditada por Cortés, no segundo dia da Páscoa de 1521. No seu primeiro item, condena com graves penas a todos aqueles que blasfemarem contra Nosso Senhor Jesus Cristo, Nossa Senhora, os Santos Apóstolos e os demais Santos (DÍAZ DEL CASTILLO, 1947, p. 173).

<sup>10</sup> Frei Juan de la Cruz chegou à América em 1539. Foi conhecedor das línguas náhuatl, huasteca e mexicana. Sobre o catecismo que elaborou em língua huasteca, faz o seguinte comentário, numa carta dirigida ao vice rei Martin Henrique: “ Conocido, muy Excelente Señor, no por relación sino por experiencia el santocelo con que Vuestras Excelencia desea, y por todas vías procura el bien y salud de las ánimas de los indios naturales de estas, partes, y habiendome mandado V E, movido del mesmo celo, procurase, para favorecer las ánimas de los indios huastecos, gente muy falta y necesitada de doctrina, hacer un catecismo com que fuesen instruidos en las verdades de nuestra fe, hice en cumplimiento de lo que VR me mandó. Esta breve doctrina en dos lenguas, española y huasteca, para que, por la una, se saque facilmente la outra: también mediante el divino favor, hice y recopilé el arte para aprender dicha lengua: en lo cual, además de mi trabajo, me he aprovechado de los trabajos de otros padres y ministros celosos de la salvación de aquella pobre gente, de otros muchos, de los cuales me he ayudado para examinar la congruencia y correspondencia de la lengua huasteca a la nuestra española” Cf. ICAZBALCETA, 1981. p.248.



Frei Melchior Vargas<sup>13</sup>, Frei Juan de la Anunciación<sup>14</sup> e Frei Bernardino de Sahagún. No Peru, os de Toribio de Mongrovejo. Embora pertencendo à América portuguesa, os esforços do Pe. José de Anchieta, no Brasil, enquadravam-se na mesma perspectiva.

Sobre a utilização pelos religiosos mencionados, das vidas, ações e milagres dos santos, principalmente dos mártires, apresentamos três exemplos. O primeiro é extraído da *Psalmódia Christiana* de Bernardino de Sahagún, trata-se de 4 salmos que fazem referência a São Tiago.

Neles, São Tiago é apresentado como o guerreiro de Jesus Cristo que combatia os infiéis. Para demonstrar isso, os pregadores enalteciam os milagres e as intervenções do apóstolo, realizados no decorrer da Reconquista. Desta maneira, enfatizavam, por um lado, o vínculo do apóstolo com a Espanha e, por outro, a proteção do mesmo aos governantes castelhanos, visto que São Tiago era o patrono celestial do monarca<sup>15</sup> e como resultado obtinham o maior temor dos nativos, tornando mais fácil o controle sobre eles.

Além da tradição oral, auxiliava na elaboração dos salmos as informações presentes, entre outras obras, nas *Vidas de Santos* e no *Liber Sancti Iacobi*. Tais narrativas serviram de referencial básico no processo de manutenção e divulgação do culto a São Tiago na América. Sahagún, como mencionado, utilizou-se delas para elaborar quatro salmos específicos. Na seqüência, faço a reprodução e comentário dos mesmos.

#### **A) O PRIMEIRO SALMO:**

Sea celebrada, sea difundida, sea muy lejos extendida la fama, la gloria del amado de dios Santiago Apóstol. /Sean conocidas, sean escuchadas, sean admiradas las obras, la fuerza del insigne guerrero,

<sup>11</sup> Natural de Toledo, chegou à América em 1547. Elaborou a “Doctrina Cristiana en lengua huasteca” que foi impressa no México em 1548. Com base nesta obra, Frei Juan de La Cruz elaborou o seu “Catecismo” na língua huasteca.

<sup>12</sup> Sobre a data de nascimento e falecimento deste religioso não se tem precisão, segundo Frei Luciano Nuñez Mendoza, o ano provável da morte de Fr. Medina é 1602. Sua obra catequética está dividida em 2 tomos escritos em tarasco. O primeiro é constituído por sermões e diálogos sobre os mandamentos da fé, sermões e diálogos sobre os sacramentos, e tabela de sermões e questões sobre os mandamentos da igreja, pecados capitais e obras de misericórdia, um diálogo e finaliza com sermões.

<sup>13</sup> Escreveu na língua Otomi a Doutrina Cristã. A mesma foi impressa no México, em 1576, em castelhano, nahuatl e otomi.

<sup>14</sup> Elaborou em nahuatl uma doutrina cristã e um livro de sermões, ambas de forma extensa. Tais obras foram publicadas em 1575. No entanto, para facilitar o trabalho dos missionários, publicou uma síntese das mesmas em 1572.

<sup>15</sup> Lopes Alsina, Fernando. La Ciudad de Santiago de Compostela en la alta Edad Media. Santiago de Compostela: Ayuntamiento de Santiago de Compostela/ Centro de Estudios Jacobeos. 1988.p. 147.



nuestro capitán./Sea contemplado, sea mostrado ante todos cuánto reluce la maravillosa guarnición de su caballo blanco, sus preciosos arreos./Sea alabada su preciosa espada, que tan fuerte brillo despidе cuando va golpeando, cuando va causando gran estrago en nuestros enemigos./Tan gran temor se extiende entre los aturdidos moros [y] turcos, que huyen de su presencia, se caen las albardas /Muy resplandeciente va, resonando va su malla de oro, su peto de hierro; lleno de brazaletes [y] de jades va (SAHAGÚN, 1999, p. 221).

Este salmo, originalmente escrito em náhuatl, tem como meta uma dupla propaganda do culto ao apóstolo e dos poderes do mesmo; isto é, solicita-se àqueles que tenham tomado conhecimento das ações do apóstolo que a propaguem também como uma forma de render homenagens ao santo - *sea difundida, sea muy lejos extendida la fama, la gloria del amado de dios Santiago apóstol* . Visa-se ao estabelecimento de uma corrente de divulgação. Os valores e as funções do santo são, também, transmitidos por dados externos - *sea mostrado ante todos cuánto reluce la maravillosa guarnición de su cavallo blanco, sus preciosos arreos*. Desta maneira, pretendia-se difundir os feitos e a grandeza de Santiago, apresentando-o como guerreiro e capitão supremo das forças espanholas, que impôs temor aos mouros e turcos, tradicionais inimigos dos cristãos. É interessante destacar que os nativos não aparecem, diretamente, como inimigos, porém, verifica-se que o salmo é direcionado àqueles já “convertidos” ou em processo de conversão, portanto, de certa maneira, aliados ou submetidos aos conquistadores. Para estes naturais, Santiago é apresentado como protetor dos recém-chegados, condição que aqueles que já haviam aceitado o cristianismo podiam usufruir e, que aqueles que viriam a aceitar a nova religião passariam a usufruir.

Desta maneira, é transmitida aos nativos uma imagem dúbia de São Tiago. Por um lado, é positiva, com a qual podiam contar se abraçassem a religião cristã e negativa, se não a aceitassem, tornando-se, assim, como os mouros e turcos, inimigos dos espanhóis. É também perceptível, neste salmo, a valorização das características locais, por exemplo, a indumentária de São Tiago é constituída com elementos, tais como: ouro, ferro, braceletes de Jade. Elementos de significativo valor local, pois eram com eles que os nativos confeccionavam as vestes dos ídolos. Ao utilizar signos lingüísticos em *náhuatl* e ao colocar alguns elementos locais, Sahagún torna a caracterização de Santiago mais acessível ao universo cultural dos nativos,



possibilitando até que viessem a ver Santiago. Colabora nesse processo o fato da caracterização do apóstolo aproximar-se daquelas que os nativos viam nas principais divindades que constituíam o panteão asteca, pelo menos, quanto à indumentária. Isto nos demonstra certa adaptação do mito às condições da América, distanciando-se das condições originais desenvolvidas durante a Reconquista. Com esta estratégia, Sahagún visava a facilitar a implantação dos valores cristãos em lugar dos seguidos pelos nativos.

## **B) SEGUNDO SALMO:**

Nuestro rey Jesucristo llamó, escogió a Santiago como soldado suyo./Cuando ya iba a comenzar la guerra en la que fueron atacados el gran demonio y todos los demonios compañeros suyos, llamó entonces al valiente guerrero Santiago y a su hermano san Juan./Santiago se convirtió en capitán de nuestro rey Jesús. También lo hizo jefe superior. /A doce capitanes escogió Jesus, pero sólo tres fueron sus jefes principales. /A san Pedro, a Santiago y a san Juan los hizo jefes superiores Jesús. Y también ante estos tres reveló su reino en el [monte] Tabor./Y también en presencia de ellos rogó a su Padre, Dios, y sudó sangre en el huerto de Getsemaní (SAHAGÚN, 1999. p. 221).

Neste salmo, a escolha dos apóstolos, particularmente de São Tiago, é expressa de maneira a ser compreendida pelos nativos. Para tanto, Sahagún faz uso da forma utilizada pelos astecas para eleger os sucessores dos seus líderes mortos: os superiores de um estado se reuniam com os guerreiros mais velhos para deliberar e eleger o novo “rei”.

Por meio dessa estratégia, Sahagún reforça a importância de São Tiago perante os nativos e, ao mesmo tempo, apresenta os objetivos da religião cristã. Nesta parte, utiliza outras estratégias, entre estas, faz referência a uma guerra - algo conhecido dos naturais - travada entre Jesus Cristo e os demônios, isto é, entre o bem e o mal. O bem é representado pela doutrina que trazem, e o mal pelas práticas tradicionais mantidas pelos naturais. Práticas que, segundo as concepções cristãs, faziam com que os nativos se tornassem "prisioneiros" do demônio. Portanto, deveriam ser combatidas. Nesse combate, São Tiago representa o bem. Foi o escolhido por Jesus Cristo para ser o capitão maior das suas forças contra o mal. Desta maneira, firma-se a grandeza do





apóstolo, e procura-se demonstrar aos nativos a negatividade existente na religião que seguiam.

Ao utilizar a guerra como contexto para explicar a escolha de São Tiago por Jesus Cristo, Sahagún instruía os nativos e reforçava os valores cristãos, estabelecendo e mostrando a eles a existência de um paralelo entre a estrutura terrena e a sobrenatural, vínculo que ajudava, também, os nativos a assimilarem certos aspectos da cultura dos conquistadores, tais como a força e o poder de São Tiago.

### C) TERCEIRO SALMO:

Entonces dispersó Jesus a sus capitanes para que hicieran la guerra espiritual por todas las partes del mundo./Y la tarea de nuestro gran capitán Santiago fue guerrear contra los demonios en España./Comenzó su predicación en un lugar llamado Galicia. Muchos fueron los milagros que realizó./Tan gran admiración causaron sus sermones, que se hizo creyente la reina doña Loba./Allá en Galicia está su gran templo; muy honrado es en todas las partes del mundo./Allá fue a admirarlos el gran sacerdote, el Santo Padre. Allá dejó nombrado los cardenales (SAHAGÚN, 1999, p.223).

Se, no primeiro salmo temos o apelo, a divulgação do apóstolo e de suas ações e, no segundo, temos elementos que visam a justificar o porquê São Tiago desempenha a função de guerreiro e líder das forças cristãs. No terceiro, temos o específico, São Tiago como guerreiro de Jesus Cristo na Espanha, cuja função era eliminar os demônios. Ao apresentar a existência de demônios na Espanha, com os quais o apóstolo combateu, Sahagún legitima e justifica a presença de São Tiago na América, local, segundo a visão dos religiosos e também dos leigos, dominado pelas forças do mal.

Portanto, no terceiro salmo, justifica-se a Conquista pelo fato de a mesma ser uma guerra espiritual travada entre o bem e o mal. Os espanhóis vieram para combater o mal manifestado nos ídolos, no culto e nos sacrifícios oferecidos aos mesmos. São Tiago é o líder eminente, todos o reverenciam. É o ser sobrenatural que os guia e os protege.

### D) QUARTO SALMO:

Nosotros, gentes de la Nueva España, hemos de honrar mucho la sala de nuestro gran capitán, donde es guardado con mucho celo su cuerpo, en un lugar llamdo Santiago, en Galicia./Pero también nuestro gran



capitán Santiago vino a guerrear a esta Nueva España contra nuestros enemigos los demonios./Su corona celestial, su guirnalda de oro las recibió en el cielo; se las dio Jesús, nuestro muy amado Salvador./ Con su vida de santidad imitó nuestro gran capitán Santiago a nuestro rey Jesús./Y también lo imitó con su muerte: por la fe derramó él su sangre [como] roja guacamaya [y]amatista (SAHAGÚN, 1999, p. 223grifo noso).”

Neste salmo, Sahagún reconhece um novo *status* aos nativos - passam a ser *gentes de la Nueva España*; e, com o tal, devem, também, venerar o apóstolo cujo corpo encontra-se em Compostela, Galicia. Porém, a distância - Nueva España/Galicia - é rompida ao afirmar que São Tiago também estava nas terras americanas lutando contra os demônios, conforme é enfatizado: “ Pero también nuestro gran capitán Santiago vino a guerrear a esta Nueva España contra nuestros enemigos los demonios”.

Desta maneira, justifica-se a vivência do mito e, ao mesmo tempo, a incentiva. Por meio dessa prática, legitima-se a guerra justa e, poderíamos dizer, não deixa dúvidas aos conquistadores sobre a missão que tinham: combater o demônio e evangelizar os nativos. São Tiago era a expressão dessa missão.

O segundo exemplo é relativo ao trabalho de Toribio de Mongrovejo, que fez da sua vida um exemplo de evangelização<sup>16</sup>. Tinha como preocupação maior, como organizador do arcebispado de Lima, o desenvolvimento da catequese. Sua meta era chegar aos nativos da forma menos violenta possível, visava a ganhá-los pelo exemplo de vida que lhes dava e pela persuasão. Esta perspectiva refletiu-se no *III Concílio Limense*, realizado sob sua direção em 1583. Nele, entre outros temas, foram tratados: o problema da confissão e da comunhão aos nativos ( como deveria ser feita a confissão? Quando um nativo estaria apto a comungar?) e como apresentar aos nativos a Verdade (cristã) sem violentá-los?

Destas questões, o uso do culto e das vidas dos santos está mais relacionado com a última. Segundo Toríbio, os nativos teriam que ser doutrinados com paciência. Os religiosos deveriam aprender a língua nativa, por meio da qual, aos poucos, introduziriam a doutrina cristã. Como instrumentos, nesse trabalho de persuasão, deveriam fazer uso do

<sup>16</sup> Pertencente a uma família nobre de Leão, Toribio de Mongrovejo nasceu em 1538. Estudou em Valladolid, Salamanca e Santiago de Compostela. Licenciou-se em direito. Em 1573, foi nomeado membro da Inquisição. O papa Gregório XIII nomeou-o arcebispo de Lima, cuja jurisdição estendia-se por Cusco, Cartagena, Popayán, Assunção, Caracas, Bogotá, Santiago, Conceição, Córdoba, Trujillo e Arequipa. Faleceu em 1606, num povoado situado próximo a atual cidades de Chiclayo a 750 Km ao norte de Lima. Foi canonizado em 1726. Cf. SGARBOSSA; GIOVANI, 1996, p. 92).



exemplo da própria conduta e da vida dos santos, por meio das quais divulgariam o poder de Deus.

Um exemplo desta conduta nos é apresentada pelo arcebispo Campos, sucessor de Toribio de Mongrovejo na diocese de Lima. Seguindo os ensinamentos de Toríbio, ao contradizer os padres que diziam que os nativos não poderiam comungar porque não entendiam a doutrina cristã, o arcebispo Campos afirma:

Yo no admito esta excusa, por estar en su mano, trabajando con ellos, el hacerlos capaces, yo so si lo fui enseñando y dando ejemplo por mi persona, adoctrinándoles y enseñándoles de mi mano y mostrándoles cómo aquello se debía hacer y cómo era que si debía hacer. Ahora envío una mision de 8 padres que vayan visitando todo mi arzobispado a mi costa, para que trabajen en este intento y doctrinen y ensinen a los índios y ayuden a los curas y doctrineros , porque hallo que la disposición de los indios no es mala, sino buena y de mucha humildad; falta cultura, enseñanza y trabajo (apud PERENTE, s/d, p. 115).

Como terceiro exemplo, apresentamos a atuação do trabalho do Pe. José de Anchieta (1534-1597) na América Portuguesa (Brasil) que seguindo, também, a perspectiva de utilizar as vidas de santos, como instrumento de catequização, escreveu vários *autos* a serem encenados nas festas religiosas.

Esses tinham como meta apresentar aos nativos o confronto constante entre Deus e o Demônio (Tupã *versus* Anhangá/Guaixara), sempre destacando o poder de Deus (do bem) sobre o Demônio (o mal). Como integrantes do “exército” de Deus, enfatiza o empenho e a dedicação dos santos contra os espíritos maléficos, servos do Demônio.

A mensagem transmitida nos autos é o resultado de um trabalho de “aculturação lingüística” (BOSI, 1992, p. 64) por um lado e, por outro, da utilização de recursos próprios do Teatro. No campo lingüístico, Anchieta utiliza vocábulos tupis, guaranis, portugueses e espanhóis. Aos primeiros – tupi e guaranis – atribui novos sentidos, criando, dessa maneira, um novo “universo” simbólico que torna mais compreensível a doutrina cristã aos nativos.

Como recurso do teatro, utiliza: a entonação da voz, gestos e alegorias. Com essas estratégias, Anchieta mostrou, de forma mais acessível, aos nativos, testemunhos da confiança e do amor que os santos tinham para com Deus e as recompensas que Deus lhes dava: o poder sobre os demônios (Cf. BOSI, 1992, p. 64-93).



Como exemplo do trabalho de Anchieta, destacamos o “auto de São Lourenço”, com versos escritos em tupi, guarani, português e espanhol. Nesse *auto*, Anchieta inovou, foi além do processo de desnaturação utilizado por autores como Sahagún. Anchieta não narrou à história tradicional do santo, mas elaborou uma estória na qual os “heróis” e servos de Deus (São Lourenço e São Sebastião) lutavam contra forças conhecidas pelos nativos<sup>17</sup>. Desta maneira, trazia, para o momento contemporâneo, o poder do santo, de forma a ser compreendido melhor por eles. Nos versos iniciais do auto, Anchieta apresentava aos nativos o martírio e a morte de São Lourenço, como instantes de aparentes sofrimentos causados pelo fogo, que assava o corpo do santo e o tempo utilizado por ele para reafirmar o amor a Jesus Cristo<sup>18</sup>. Com esta estratégia, Anchieta passava a exemplificar o poder que os servos de Deus, mesmo após a morte, tinham sobre seus inimigos, naquele caso o demônio, que, no auto, recebia o nome de Guaixará, o responsável pela idolatria vivida pelos nativos, comportamento contrário à doutrina cristã propagada pelos jesuítas.

Os exemplos apresentados, ao demonstrarem o uso das vidas e ações dos santos como instrumentos utilizados pelos religiosos como meios de propagar a doutrina cristã, dão continuidade à prática assumida pelos evangelizadores, desde os primeiros tempos da expansão do cristianismo, na Europa, onde era freqüente a utilização dos lugares de cultos tradicionais, considerados pagãos, como locais a serem ocupados pelo culto cristão. No artigo "*Paganisme, syncrétisme et culture religieuse populaire au Haut Moyen Age. Reflexion de méthode*" de Rudi Kühnel (1992), encontra-se uma das primeiras equiparações sobre a prática evangelizadora realizada pelos missionários, durante a alta Idade Média, com a praticada pelos religiosos na América, particularmente no Peru.

<sup>17</sup> Sobre São Lourenço, encontramos narrativas que relatam a tradição em obras elaboradas na Idade Média. Entre elas: na *Legenda Áurea* de Jacopo de Varazze e em *Poesias* de Gonzalo de Berceo.

<sup>18</sup> Anchieta apresenta o martírio de São Lourenço nos seguintes versos: Por Jesus, meu Salvador,/Que morre por meus pecados,/Nestas brasas morro assado/Com fogo do seu amor. / Bom Jesus, quando te vejo/Na Cruz, por mim flagelado,/Eu por ti vivo e queimado/Mil vezes morrer desejo./ Pois teu sangue redentor/Lavou minha culpa humana, /Arda pois eu nesta chama / Com fogo de teu amor./O fogo do forte amor, /Ah, meu Deus !, com que me amas, /Mais me consome que as chamas /E brasas, com seu calor. Pois teu amor, pelo meu /Tais prodígios consumou,/Que eu, nas brasas onde estou,/Morro de amor pelo teu (ANCHIETA,s/d, p.59).



## FONTES

ANCHIETA, J. *O auto de São Lourenço*. Introdução e adaptação de Walmir Ayala. Rio de Janeiro: Edições de ouro. s/d.

BERCEO, G. *Poesias*. In: SANCHEZ, Tomaz Antonio (Ed.) *Poetas Castellanos Anteriores al siglo XV*. Madrid: Atlas, 1952. (Biblioteca de Autores Españoles, 57).

CARTAS DE INDIAS - Madrid: Atlas, 1974. 3 tomos. (BAE Biblioteca de Autores Españoles).

DIAZ DEL CASTILLO, B. *Historia Verdadera de los Sucesos de la Conquista de la Nueva-España*. In Enrique de Vedia (ed.) *Historiadores Primitivos de Indias*. Madrid: Atlas, 1947. Tomo II p 1-317.

IXTLILXOCHITL, F.A. *Relación de l avenida de los españoles y principio de la ley evangélica*. In: GARIBAY K, A.M. (Ed.) *Historia General de las Cosas de Nueva Espana*. México D.F. Porrúa, 1956. Vol. 4. p.187-276.

LAS CASAS, B. *Historia de las Índias*. Peres Tudela, L. Madrid: Atlas, 1957.

SAHAGÚN, B. *Psalmodia Christiana*. Edição, introdução e versão do náhuatl e notas de José Luis Suárez Rocca. Leon: Instituto Leonés de cultura, 1999.

SUESS, P. (org.) *A Conquista Espiritual da América Espanhola*. Petrópolis: Vozes, 1992.

VARAZZE, J. *Legenda Áurea-Vidas de Santos*. São Paulo: Companhia das Letras. Tradução do Latim, apresentação, notas e seleção iconográficas de Hilário Franco Júnior.

VERACRUZ, Fray Alonso de la – *Sobre los Diezmos*. México: Organización de Agustinos de Latiniamerica OALA,1994. (Colección: Cronistas y Escritores Agustinos de América Latina).



## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BERNARD, C. & GRUZINSKI, S. *De idolatria. Uma arqueologia de lãs ciências religiosas*. México: Fondo de Cultura Econômica. 1992.

BOSI, A. *Dialética da Colonização*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

ICAZBALCETA, J.G. *Bibliografía Mexicana del siglo XVI*. México, 1981.

KÜNZEL, R. *Paganisme, syncrétisme et culture populaire au Haut Moyen Age*. In: *Annales E.S.C.* Paris: Armand Colin, 1992.

LOPES ALSINA, F. *La Ciudad de Santiago de Compostela en la alta Edad Media*. Santiago de Compostela: Ayuntamiento de Santiago de Compostela/ Centro de Estudios Jacobeos. 1988.

PUENTE, J.A. *Cinco siglos de Evangelización*. In: *Galicia, Santiago y América*. Santiago de Compostela. Xunta de Galicia, 1993. p. 107-120.

SGARBOSSA, M. & GIOVANNI, L. *Um santo para cada dia*. São Paulo: Paulus, 1996.

Prof. Dr. Adailson José Rui  
e-mail: [aj.rui@terra.com.br](mailto:aj.rui@terra.com.br)  
UNIJALES - Centro Universitário de Jales - Unidade Central  
Fone (17) 3622-1620  
Av. Francisco Jalles, n.º 1.851  
CEP: 15700-000  
Jales - SP